

Léxico e imaginário social: análise das denominações atribuídas à prostituta no estado do Maranhão

Lexicon and Social Imaginary:

Analysis of the denominations attributed to prostitute in the State of Maranhão

Gabriel de Matos Pereira¹

Theciana Silva Silveira²

Resumo: Este trabalho, em andamento, tem por objetivo analisar denominações atribuídas à prostituta e compreender como o léxico reflete o imaginário social coletivo e a ideologia de uma comunidade. A escolha desse tema se justifica pela relevância em entender como o léxico relacionado à prostituição carrega visões culturais e ideológicas, que estão arraigadas na nossa sociedade e são refletidas por meio de palavras e expressões. Nesse sentido, a pesquisa parte da hipótese de que as denominações dadas à prostituta são reflexos de visão dominante com relação à imagem e à sexualidade da mulher na sociedade. A variação lexical em relação à prostituta revela atitudes sociais e culturais diversificadas dentro da comunidade. Em se tratando dos procedimentos metodológicos, toma-se como base os dados obtidos pelo Projeto Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA), mais especificamente em se tratando da questão 139, do questionário semântico-lexical (QSL), "Como se chama a mulher que se vende para qualquer homem?". A pesquisa fundamenta-se nos pressupostos teóricos-metodológicos da Dialetoлогия, da Geossociolinguística, da Lexicologia e do Imaginário. A Dialetoлогия e a Geossociolinguística fornecem as ferramentas para mapear a variação lexical regional e social. A Lexicologia auxilia na análise do significado e uso dos termos, enquanto a teoria do Imaginário permite explorar como as representações culturais e sociais influenciam a linguagem. Os dados parciais coletados mostram uma grande variação lexical em relação ao item lexical investigado, com o registro de 26 variantes e 126 ocorrências. Ao analisar as denominações *meretriz*, *mundana* e *piriguete*, pode-se perceber que essas denominações e o seu uso no léxico maranhense refletem a presença de uma ideologia que permeia o imaginário social do estado, em que a sexualidade da mulher em uma situação extramarital é reprovável. Desse modo, evidencia-se a relação intrínseca entre língua e sociedade, em que o léxico, nesse caso, reflete a visão de uma determinada comunidade.

Palavras-chave: Léxico. Imaginário social. Prostituta. Maranhão.

Abstract: This ongoing work aims to analyze the denominations attributed to prostitutes and understand how the lexicon reflects collective social imagery and the ideology of a community. The choice of this theme is justified by its relevance in understanding how the lexicon related to prostitution carries cultural and ideological views ingrained in our society, reflected through words and expressions. In this sense, the research hypothesizes that the names given to prostitutes reflect the dominant view regarding women's image and sexuality in society. The lexical variation concerning prostitutes reveals diverse social and cultural attitudes within the community. Regarding methodological procedures, the study is based on data obtained from the Linguistic Atlas of Maranhão Project (ALiMA), specifically focusing on question 139 of the semantic-lexical questionnaire (QSL), "What is the name for a woman who sells herself to any man?" The research is grounded in the theoretical and methodological assumptions of Dialectology, Geosociolinguistics, Lexicology, and Imaginary. Dialectology and Geosociolinguistics provide tools to map regional and social lexical variation. Lexicology aids in the analysis of term meaning and usage, while the theory of Imaginary allows exploration of how cultural and social representations influence language. Partial data collected show

¹ Universidade Federal do Maranhão, São Luís, MA, Brasil. Endereço eletrônico: gabriel.pereira@discente.ufma.br.

² Universidade Federal do Maranhão, Departamento de Letras, São Luís, MA, Brasil. Endereço eletrônico: theciana.silveira@ufma.br.

significant lexical variation concerning the investigated lexical item, with 26 variants and 126 occurrences recorded. Analyzing the denominations like "meretriz" (prostitute), "mundana" (worldly woman), and "piriguete" (slut), it becomes evident that these terms and their usage in Maranhão's lexicon reflect an ideology permeating the state's social imaginary, where female sexuality outside marriage is frowned upon. Thus, it highlights the intrinsic relationship between language and society, where the lexicon, in this case, reflects the viewpoint of a specific community.

Keywords: Lexicon. Social imaginary. Prostitute. Maranhão.

Introdução

Este trabalho toma como base os dados obtidos pelo Projeto Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA), mais especificamente em se tratando da questão 139, do questionário semântico-lexical (QSL), Como se chama a mulher que se vende para qualquer homem?. Considerando que estudos anteriores refletiram sobre a tabuização da lexia prostituta no Maranhão, partindo desses trabalhos, entendemos que haveria, também, a necessidade de investigações em torno do imaginário social e da ideologia de uma comunidade refletidas nesse léxico. Em trabalhos mais recentes, como de Serra e Silveira (2024), os autores versam sobre o imaginário social a partir das denominações atribuídas à prostituta na região da Amazônia Legal, em se tratando das capitais. Assim, este trabalho contribui com os estudos já realizados, dando ênfase para o português falado no Maranhão, não só na capital, mas em outras localidades do estado.

Essas investigações são motivadas pela hipótese de que as escolhas de nomeações para prostituta no léxico maranhense representam uma visão a respeito da imagem, da sexualidade e de um comportamento esperado da mulher na sociedade. Buscamos, neste artigo, apresentar os resultados parciais dessas investigações, bem como entender essa visão e sua predominância no imaginário social maranhense e evidenciar a relação intrínseca entre léxico e sociedade. Assim, pretendemos, com este trabalho, analisar denominações atribuídas à prostituta e buscar perceber como o léxico reflete o imaginário social coletivo e a ideologia de uma comunidade.

Para tanto, organizamos este trabalho da seguinte forma: (i) A relação léxico e imaginário social, em que discorremos a respeito de questões relacionadas ao léxico e sua relação com o imaginário social; (ii) Procedimentos metodológicos, neste item, destacamos o caminho percorrido para concretização desta pesquisa, com base nos dados do Projeto ALiMA; (iii) Variação lexical: denominações atribuídas à prostituta, em que apresentamos as discussões relacionadas aos dados obtidos, dando ênfase na distribuição diatópica e no polimorfismo linguístico; (iv) A prostituta no imaginário social maranhense, nesse item apresentamos as discussões relacionadas às denominações registradas, buscando sua dicionarização e a reflexão sobre como essas formas desvelam a visão social e cultural de

uma sociedade em relação à prostituta no Maranhão; por fim, apresentamos nossas Considerações finais e Referências.

A relação léxico e imaginário social

De acordo com Oliveira e Isquerdo (2001), o léxico é derivado da nomeação da realidade, ato primário na construção de mundo do ser humano enquanto membro de um grupo social. Essa ação de nomear os seres, objetos e entidades é responsável pela formulação e estruturação do mundo e do imaginário social coletivo. Dessa forma, o léxico de uma sociedade organizada é constituído de uma herança passada de geração a geração, fundamental para a compreensão da realidade do falante, que incorpora em seu repertório lexicográfico denominações que representam o universo no qual ele está inserido.

Seguindo a esteira desse pensamento, Biderman (2001) aponta o léxico como o principal patrimônio vocabular de uma comunidade linguística. É patrimônio por ser um registro vivo dos sentidos construídos ao longo da história dos falantes de uma língua natural, mas é também um tesouro cultural por sua preciosidade posto que encerra consigo representações da cognição de um povo e da sua relação com o mundo no qual está inserido. Ao debruçarmo-nos sobre esse tesouro, conseguimos vislumbrar o brilho de grandes jóias, como as dinâmicas da interação social entre os sujeitos e a ideologia que as permeia.

O léxico também nos é precioso, pois sua constituição, anterior ao indivíduo, agrega valores representativos de aspectos da identidade dos falantes. Assim, por meio de sua análise, conseguimos entender e identificar aspectos da constituição identitária dos informantes. A escolha e uso de determinados termos para definir *a mulher que se vende para qualquer homem* reforça tais aspectos. Desse modo, conhecer o léxico de uma língua é conhecer também a identidade da comunidade que se serve da língua em suas práticas sociais e cotidianas.

No mais, o estudo do léxico é essencial para a compreensão das mais diversas dinâmicas sociais e comunicativas, pois não há um sujeito que não seja perpassado por ideologias. Ao ser atravessada por esses fluxos, a língua faz sentido; para além disso, a língua produz sentido por/ para os sujeitos (Orlandi, 2013). Por esse motivo, estudar o português falado no Maranhão é buscar entender a ideologia que atravessa esse léxico.

Quando pensamos na escolha dos sentidos atribuídos a determinadas palavras, devemos levar em conta a contribuição do imaginário social nesse processo de nomeação. Mas como se constitui esse imaginário? Segundo Castoriadis (2010, p. 13)

O imaginário não é a partir da imagem no espelho ou no olhar do outro. O próprio “espelho”, e sua possibilidade, e o outro como espelho são antes obras do imaginário que é criação ex nihilo. Aqueles de falam de “imaginário” compreendendo por isso o “espetacular”, o reflexo ou o “fictício”, apenas

repetem, e muito frequentemente sem o saberem, a afirmação que os prendeu para sempre a um subsolo qualquer da famosa caverna: é necessário que (este mundo) seja imagem de alguma coisa. O imaginário de que falo não é imagem de. É criação incessante e essencialmente indeterminada (social-histórica e psíquica) de figuras/formas/imagens, a partir das quais somente é possível falar-se de “alguma coisa”. Aquilo que denominamos “realidade” e “racionalidade” são seus produtos.

Podemos entender que o imaginário se constitui de uma profusão de complexos sistemas simbólicos representados por questões míticas, religiosas e ideológicas, abrangendo diversas áreas de relações sociais e de poder na sociedade. Por esse motivo, não podemos pensar as relações sociais, incluindo as linguísticas, fora de uma dimensão simbólico-imaginária. Esses sistemas, segundo Castoriadis (2010), consistem em conectar símbolos a significados, ordens, consequências e significações buscando tornar esta ligação reconhecida para a sociedade ou grupo específico.

É importante também frisarmos que o sentido primário de Imaginário, é o de uma “faculdade originária de pôr ou dar-se, sob a forma de representação, uma coisa e uma relação que não são ou nunca foram” (Castoriadis, 2010, p. 254). Trata-se, portanto, de uma capacidade de invenção, de criação, capacidade esta que o autor defende como inerente e inalienável do gênero humano, individual ou coletivamente considerado. E esta, por sua vez, tem um caráter prioritário sobre a capacidade de atualizar, atribuir novos significados/serventias a algo que já existia. Assim, o uso e desuso de lexias, a ressignificação e neologismos são a materialização linguística das relações humanas e do imaginário que permeia todos os agrupamentos sociais de nossa espécie.

Compreendemos, então, que criar palavras para nomear o mundo é uma capacidade que nos define enquanto seres humanos e sociais; é a nossa necessidade de socialização que nos faz humanos. No mais, assim o fazemos para que possamos interagir socialmente entre nossos pares. Ainda sobre o imaginário social, devemos pensá-lo, também, como algo que constitui o inédito, atualiza a posição de novos significantes e significados. Isso se dá, pois quando novas práticas, valores, funções, culturas surgem na sociedade e em seu pensamento coletivo, precisamos atribuir sentidos novos a estas. Por isso, o imaginário é também a verdadeira força-motriz da sociedade e da historicidade, haja vista que a produção de novos significados e significantes são a representação por excelência das transformações sociais.

Em se tratando do imaginário social relacionado à prostituição, devemos remontar ao seu surgimento, segundo Silva (2014), “A prostituição foi tradicionalmente banalizada e encarada como a mais velha profissão do mundo”. A prostituição é um fenômeno social complexo que, ao longo da história, tem sido interpretado e categorizado de várias maneiras pelas diferentes sociedades. A forma como o léxico relacionado à prostituição evolui e é

utilizado reflete profundamente o imaginário social e as atitudes coletivas em relação a esse universo.

O léxico da prostituição está carregado de conotações sociais e culturais que podem reforçar estigmas ou, alternativamente, promover uma visão mais humanizada das trabalhadoras do sexo. Termos como *prostituta* e *garota de programa* carregam diferentes conotações e são utilizados de maneira variada dependendo do contexto. O uso de denominações pejorativas como *puta*, *piriguete* ou *vagabunda* perpetua a marginalização e o preconceito contra essas mulheres, refletindo a moralidade social dominante que tende a condenar a prostituição.

No que tange aos trabalhos no âmbito da geolinguística e dialetologia o léxico da prostituição tem sido bastante discutido, como nos trabalhos de Sanches e Razky (2015) e Serra e Silveira (2024), em que tratam da variação lexical, buscando entender como as denominações registradas refletem o comportamento e visão de uma sociedade nas capitais do Centro-Oeste, Norte e Nordeste e da Amazônia Legal, respectivamente.

No trabalho de Serra e Silveira (2024), por exemplo, os autores analisaram as denominações dadas à profissional do sexo na região da Amazônia Legal Brasileira, apresentando discussões sobre o papel da mulher na sociedade, como forma de compreender como os indivíduos da região da Amazônia Legal constroem imagens sociais sobre a mulher. Com base nessas discussões, os autores afirmam que “o léxico das denominações dadas à mulher que se prostitui é carregado de imagens pejorativas, que têm arreio em um machismo estrutural que subalterna a mulher em todas as instâncias da sociedade” (Serra; Silveira, 2024, p. 1).

O uso desse léxico reflete, ainda, as relações de poder, pois ao escolher determinadas lexias reforça-se também estereótipos, que têm sido objeto de discussão em diversos trabalhos sobre os movimentos de direitos de trabalhadoras sexuais, como no trabalho de Moraes (2020), buscando redefinir léxico associado à prostituição para promover uma imagem de dignidade e direitos humanos.

Outra abordagem que pode ser refletida por meio do léxico é a relação do imaginário social da prostituição ligado a narrativas religiosas. No trabalho de Santos e Soares (2018), os autores destacam que, na umbanda, a figura da Pomba-Gira é associada à prostituição e à liberdade sexual feminina, desafiando as normas patriarcais e religiosas.

O discurso político e jurídico também desempenha um papel crucial na formação do léxico da prostituição. Políticas públicas e legislações que tratam a prostituição como um problema de ordem pública versus aquelas que reconhecem o trabalho sexual como uma profissão legítima exemplificam essa dinâmica. No Brasil, a luta pela regulamentação do trabalho sexual é marcada por um discurso que busca legitimar e proteger os direitos das

trabalhadoras do sexo, combatendo assim a visão tradicional de criminalização e marginalização.

As mudanças no léxico refletem resistências e transformações sociais. O movimento "putafeminista", por exemplo, desafia diretamente os estereótipos negativos e reivindica um espaço para as trabalhadoras do sexo dentro do feminismo (Prada, 2018). Este movimento utiliza o léxico de forma estratégica para subverter os significados tradicionais e promover uma nova narrativa que valoriza a autonomia e a dignidade das trabalhadoras do sexo.

A relação entre o universo da prostituição e o imaginário social refletido no léxico é uma via de mão dupla. O léxico molda e é moldado pelas atitudes sociais, políticas e culturais. Analisar essa relação é crucial para entender as dinâmicas de poder e as lutas por reconhecimento e direitos dentro do campo da prostituição.

Portanto, o léxico de uma língua nos permite compreender de forma mais clara nossa realidade, fazendo com que seja possível trazer à tona visões de mundo, ideologias que estão arraigadas na nossa sociedade e são refletidas por meio de palavras e expressões. Entender o léxico e seus significados/discursos é um passo fundamental para compreensão e transformação do imaginário social, pois além de promover a ampliação de estudos acerca do léxico e seus desdobramentos, corrobora a importância de trabalhos que versem sobre a temática de grupos minoritários, visando contribuir com a reflexão e a possibilidade de combater uma visão machista e preconceituosa acerca do comportamento da mulher na sociedade.

Procedimentos metodológicos

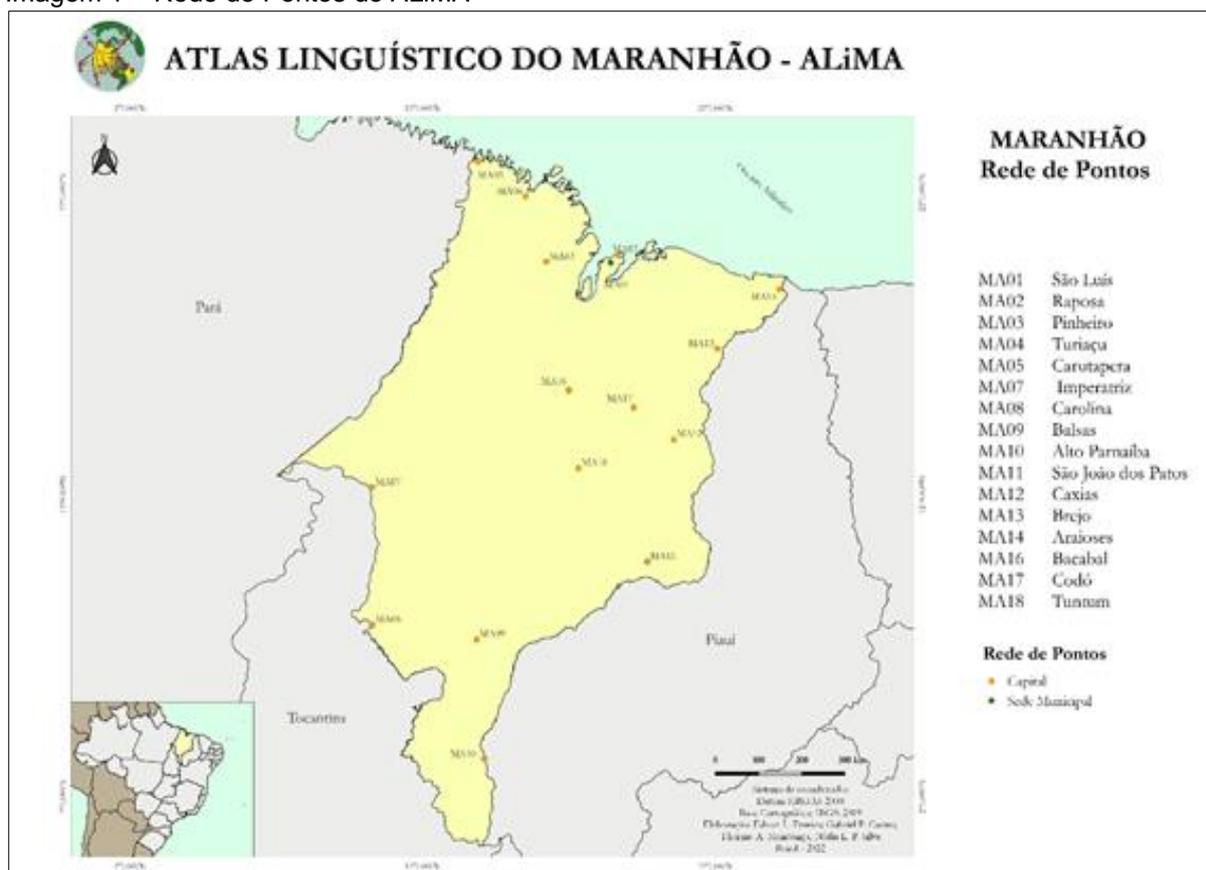
Para nortear nossos estudos, lançamos mão dos princípios teóricos e metodológicos da Dialetologia e da Geolinguística, disciplinas que se ocupam em mapear os diversos dialetos, por meio de trabalhos como os Atlas Linguísticos (AL). Os AL são importantes na apresentação de dados utilizados na descrição e registro de informações referentes às identidades sociais e linguísticas de determinadas comunidades de diferentes dimensões geográficas, que podem ser desde pequenas áreas, como bairros, até países e continentes. Segundo Cardoso (2010, p. 26), a Dialetologia considera “fatores sociais como relevantes na coleta e tratamento dos dados”, que também podem ser de natureza diatópica (espacial); enquanto a Geolinguística, ocupa-se do registro das formas linguísticas, nessa distribuição espacial, a Dialetologia os analisa buscando encontrar aspectos e fenômenos social e culturais nas diferentes organizações sociais. Ambas as disciplinas possibilitam descrever e analisar o léxico e caracterizar as variantes com base nos vieses espaciais e sociais. Tomando como base esses aportes, os dados da pesquisa foram extraídos de um projeto que se organiza em torno de ambas as áreas. Tendo dito isto, as denominações aqui analisadas foram extraídas do banco de dados ALiMA, referentes a municípios maranhenses que

integram a rede de pontos linguísticos do projeto. Esta, por sua vez, abarca as cinco mesorregiões do Estado do Maranhão – Norte, Sul, Central, Leste e Oeste –, abrangendo 16 pontos linguísticos, assim distribuídos:

- Norte: São Luís (MA 1), Raposa (MA 2) e Pinheiro (MA 3);
- Oeste: Turiçuca (MA 4), Carutapera (MA 5) e Imperatriz (MA 7);
- Sul: Carolina (MA 8), Balsas (MA 9) e Alto Parnaíba (MA 10).
- Leste: São João dos Patos (MA 11), Caxias (MA 12), Brejo (MA 13) e Araióses (MA 14);
- Central: Bacabal (MA 16), Codó (MA 17) e Tuntum (MA 18).

A Figura 1 apresenta a distribuição dos 16 municípios de acordo com as mesorregiões do Estado:

Imagem 1 – Rede de Pontos do ALiMA



Fonte: Banco de Dados do ALiMA.

Para cada localidade, foram selecionados quatro informantes, exceto a capital, São Luís, onde foram considerados oito informantes, que somam o total de 68 informantes. Estes informantes estão classificados por idade, sexo e escolaridade. Quanto à idade, estão

divididos em faixa etária 1 (18 a 35 anos) e faixa etária 2 (50 a 65 anos); quanto à sexo, os informantes ímpares (1, 3, 5 e 7) são do sexo masculino e os pares (2, 4, 6 e 8) são do sexo feminino; quanto à escolaridade, os informantes de 1 a 4 são informantes com escolaridade Ensino Fundamental incompleto e os informantes 5 a 8, que somente são considerados em São Luís, capital do Estado, possuem escolaridade Ensino Superior completo ou em andamento.

Para catalogação dos dados utilizados neste trabalho, foram feitas transcrições grafemáticas dos inquiridos e as unidades lexicais foram organizados em tabelas Excel, para que então pudéssemos partir para as análises.

Variação lexical: denominações atribuídas à prostituta

Os dados revelam a grande variação em relação ao item investigado, com o registro de 126 ocorrências e 26 variantes expressas no Quadro 1. Para este artigo, escolhemos analisar as lexias *meretriz*, *mundana* e *piriguete*. E para essa análise dos dados utilizamos os seguintes dicionários gerais de língua portuguesa: *Dicionário da Língua Portuguesa de Cândido de Figueiredo* (1947), *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2009) e *Novíssimo Aulete Dicionário Contemporâneo Da Língua Portuguesa* (2011). Vejamos o Quadro 1.

Quadro 1 – Variantes e ocorrências registradas para prostituta de acordo com as mesorregiões

ITENS LEXICAIS	LOCALIDADES					
	NORTE		OESTE	CENTRO	LESTE	SUL
	CAPITAL	INTERIOR				
Prostituta, "prost"	6	4	6	6	9	3
Rapariga	1	3	1	7	10	7
Putá	2	4	0	2	0	1
Vagabunda	2	0	3	1	1	1
Meretriz	1	0	2	1	2	1
Mulher de programa/ Mulher que faz programa	2	1	0	2	0	1
Mulher da vida	1	1	0	0	1	2
Vadia	1	0	1	1	1	1
Quenga	1	0	1	0	0	0

Sem vergonha	0	0	1	0	1	0
Solteira	0	1	1	0	0	0
Safada	0	0	0	1	1	0
Bandida	0	0	0	1	0	1
Piranha	1	0	0	0	0	0
Maria-chuteira	1	0	0	0	0	0
Piriguete	0	0	1	0	0	0
Galinha	0	0	0	0	0	1
Falsa	0	0	0	0	0	1
Mulher barata	0	0	0	0	1	0
Garota de programa	0	0	0	0	1	0
Mundana	0	0	0	1	0	0
Puta de cabaré	1	0	0	0	0	0
Vulgar	1	0	0	0	0	0
Adúltera	1	0	0	0	0	0
XL	0	0	1	0	0	0
Mulher baixa	0	0	0	0	1	0

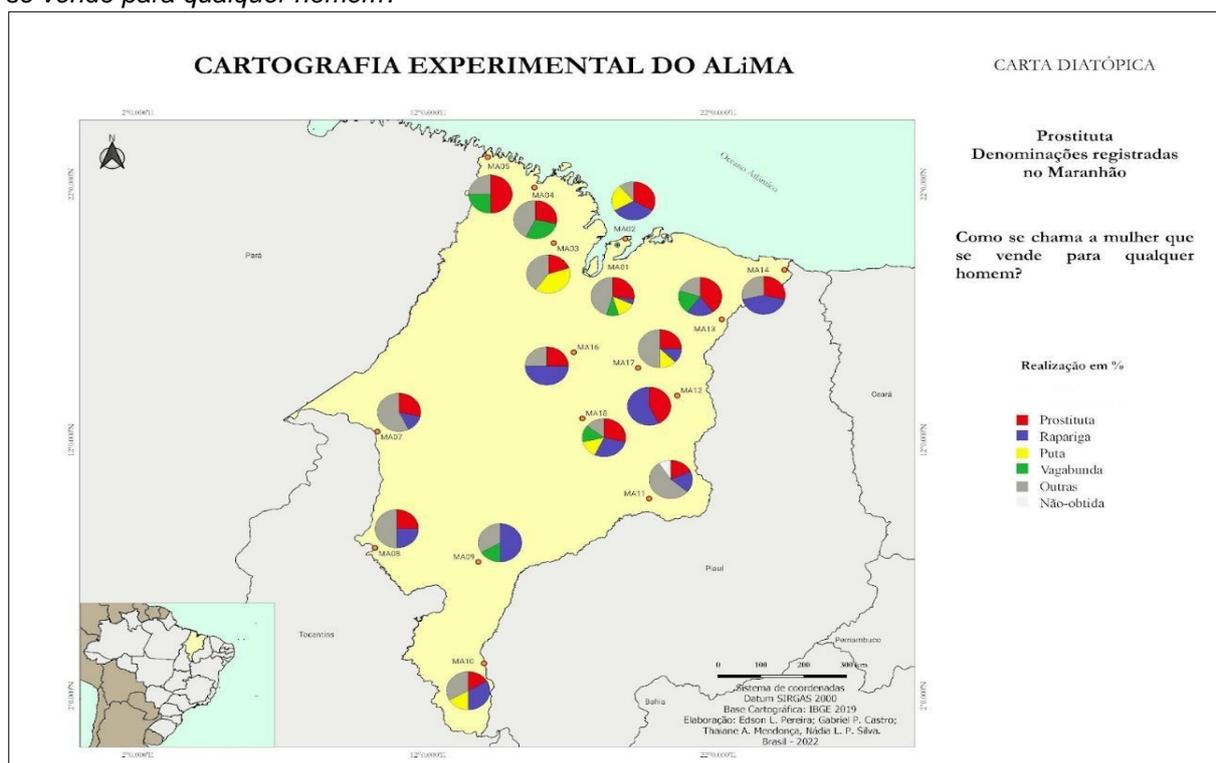
Fonte: Banco de Dados do ALiMA.

Com base nos dados apresentados no Quadro 1, é possível observar a distribuição diatópica dos dados, em se tratando de mesorregiões. No cômputo geral, a lexia *prostituta* foi a que obteve o maior número de ocorrências (34), seguida de *rapariga* (29), *puta* (9) e *vagabunda* (8). Com isso, inferimos que essas formas são as mais populares entre os informantes, ao denominar a *mulher que se vende para qualquer homem*. Em geral, são formas bastante utilizadas e conhecidas pela comunidade; ao analisarmos os traços que relacionam essas formas à *prostituta*, entendemos que parte dela concerne à visão social e moral do comportamento que a sociedade cria, neste caso, o que não é o esperado de uma mulher. As demais denominações, com menos ocorrência, apontam uma distribuição não uniforme em se tratando de diatopia, mas que configuram visões particulares, sobretudo nos casos de *hapax*. Esse fato corrobora as diferentes manifestações que abrangem modos de pensar e interagir com o mundo, gerando um cenário polimórfico da realidade linguística, sobretudo no nível do léxico.

Seguindo essa ideia, lançamos mão da visão de Lope Blanch (1992), quando afirma que o polimorfismo dialetal inclui o polimorfismo individual (idioletal) e o coletivo (dialeto), esse fato nos leva entender que mesmo numa comunidade de fala podemos encontrar variações. É o que acontece com o registro das denominações relacionadas à *prostituta* no português falado no Maranhão, em que temos formas mais usuais e comuns (coletivas), quando consideramos o espectro ocorrência, e as formas mais individuais, que mostram uma realidade particular motivada pela realidade histórico-linguística do falante. Ainda de acordo com o autor, consideramos polimorfismos como “coexistência de duas ou mais formas linguísticas capazes de desempenhar indistintamente a mesma função”, tradução nossa, (Lope Blanch, 1992, p. 30).

A partir dos dados obtidos, elaboramos ainda a representação da distribuição dessas ocorrências no território maranhense, expressa pela carta linguística diatópica experimental conforme a Imagem 2:

Imagem 2 – Carta linguística diatópica experimental elaborada ad hoc: *denominações para mulher que se vende para qualquer homem?*



Fonte: Banco de Dados do ALiMA.

A carta lexical nos mostra a distribuição espacial dos dados. É notório destacar que a forma *prostituta*, aparece em todos os municípios, exceto em Balsas (MA09). Embora as outras três formas com mais ocorrências também ganhem destaque na distribuição espacial, é válido ressaltar que as demais formas, representadas pela cor cinza também se fazem presente em todo território maranhense investigado, com exceção de Caxias (MA 12). Em

algumas localidades como São Luís (MA 01), Turiaçu (MA 04), Imperatriz (MA 07), Carolina (MA08), São João dos Patos (MA 11) e Codó (MA 17), a soma do número de ocorrências de outras formas é maior que as quatro mais frequentes no cômputo geral.

Para compreender melhor a relação entre léxico e imaginário social, e como podemos por meio da variação lexical para *prostituta* compreender uma parte da realidade não só linguística, mas social da nossa comunidade maranhense, discutiremos no próximo item acerca dessa relação, com base na análise dessas denominações em dicionários gerais.

A prostituta no imaginário social maranhense

Para analisar os dados, é necessário que retomemos as reflexões a respeito do léxico, pois “na medida em que o léxico recorta realidades do mundo, define, também, fatos de cultura” (Oliveira; Isquierdo, 2001, p. 9). Assim, o léxico da língua de uma sociedade organizada seria a constituição de uma herança passada de geração a geração e fundamental para o processo de cognição da realidade do falante.

Enquanto herança, o léxico traz para os falantes uma carga de sentidos acumulados ao longo das gerações. Assim, os indivíduos constroem o seu mundo de maneira inteligível por meio desses sentidos sem nem sequer saber a origem daquela associação entre palavras e significações. No entanto, sabemos que a língua é viva e serve aos interesses de seus falantes. Novas lexias são criadas para nomear fenômenos que surgem todos os dias nas sociedades, bem como novos sentidos são atribuídos a palavras já existentes com o mesmo objetivo.

Tendo em mente que há uma lógica de necessidade de inteligibilidade por trás dos sentidos das palavras, podemos refletir sobre como essas atribuições de significados são feitas. E pensando nas palavras atribuídas à prostituta, podemos perceber que essas denominações estão pautadas num caráter dominante na sociedade em que “as mulheres experimentam a discriminação linguística de duas maneiras: no modo como elas são ensinadas a usar a linguagem e no modo como o uso geral da linguagem as trata” (Lakoff, 2010, p. 14).

Na esteira desse pensamento, Zavaglia (2022) reflete sobre o sexismo linguístico ao pontuar que, assim como várias instâncias do cotidiano, a nossa língua portuguesa é eivada de traços sexistas muitas vezes sutis, quase imperceptíveis. Um exemplo disso, seria o uso do masculino plural para designação de um grupo composto de mulheres e homens, invisibilizando, assim, o gênero feminino. No mais, também podemos entender como uma forma de colocar todo o universo masculino como superior, enquanto subjuga e aliena o universo feminino.

Podemos, também, seguir à luz do pensamento de Alves (2004) que ao comparar o universo linguístico-cognitivo com a natureza, busca mostrar como “a cultura, ao se apropriar

da natureza, embaralha o sexo/gênero em um sistema dicotômico e hierarquizado, onde a classificação sexual se mistura à classificação de gênero, biologizando o cultural e culturalizando o biológico” (Alves, 2004, p. 8). Com isso, compreendemos que a “guerra dos sexos” travada por meio da linguagem é resultado do processo de cognição da comunidade de falantes, neste caso, dos falantes de língua portuguesa, o que nos leva a investigarmos tal processo.

Quando pensamos na maneira como os indivíduos organizam o seu conhecimento do mundo, chegamos à conclusão de que tal organização parte da palavra, do processo de nomeação.

As palavras se encontram estocadas na mente humana, no chamado léxico mental. Nesse sentido, a organização do conhecimento do mundo, muito provavelmente, está sistematizada no cérebro humano por meio de categorias e conceitos que, por sua vez, associam-se às palavras. Estas estão estreita e fortemente vinculadas à cultura de um povo, de uma nação e, portanto, a sua história. [...] uma vez que as palavras estão enraizadas aos costumes, às tradições, à moral de uma determinada cultura e de seus habitantes; elas expressam uma visão de mundo particular de uma língua específica (Zavaglia, 2022, p. 134).

Por isso, quando jogamos luz sobre a maneira como o uso geral da língua trata as mulheres, percebemos os reflexos do sexismo presente em nossa estrutura social. E buscando melhor visualizar as discriminações e constrangimentos linguísticos sofridos pelas mulheres expressas nas denominações para *mulher que se vende para qualquer homem*, no português falado no Maranhão, buscamos as definições das lexias selecionadas para análise neste artigo nos dicionários gerais da língua portuguesa, expressas no Quadro 2.

Quadro 2 – Quadro comparativo dos dicionários

LEXIA	FIGUEIREDO (1947)	HOUAISS (2009)	AULETE (2011)
<i>Meretriz</i>	Mulher pública. Rameira, prostituta, marafona.	Mulher que pratica o meretrício; prostituta; horizontal.	Aquela que faz sexo por dinheiro. Prostituta.
<i>Mundana</i>	Mulher dissoluta; prostituta.	Relativo a ou próprio do mundo. Cujá satisfação concerne aos prazeres deste mundo.	Referente ao mundo, material e socialmente considerado. Voltado para os prazeres sensoriais.
<i>Piriquete</i>	-	-	-

Fonte: Banco de Dados do ALiMA.

É válido citarmos que os dicionários são ferramentas de grande valia, pois retratam uma sociedade em determinado momento do tempo. Para além disso, retratam definições que

já estão cristalizadas no imaginário social de uma comunidade linguística. Segundo Krieger (2007, p. 296),

Nesse quadro de funções sociais e pragmáticas, o dicionário é também um componente de expressão cultural e ideológica, tecido sob a aparência de catálogo de palavras. Isto porque o léxico, em virtude de sua natureza primeira de nomear, é semanticamente co-extensivo à cultura que o suporta e à realidade por ele recortada. Mais ainda, os enunciados definitórios, porque elaborados pelo lexicógrafo, sobremodalizam o dizer coletivo, contribuindo para instaurar a dimensão discursiva que perpassa a arquitetura do texto lexicográfico.

Ao analisarmos as definições para *meretriz* nos dicionários gerais de língua portuguesa, foi possível inferir os sentidos associados ao uso de determinadas denominações, o que nos mostra como os falantes/indivíduos enxergam essa entidade no universo. Na definição de Figueiredo (1947), temos *mulher pública*, termo que parte da ideia de uma mulher que não está sob a proteção de nenhuma figura masculina, não necessariamente um marido. Em outras palavras, é uma mulher que não pertence a ninguém e, ao mesmo tempo, pertence a todos. Dessa forma, podemos perceber na sociedade da primeira metade do século XX, o universo da prostituição, do meretrício como representação de um universo de oposição ao da família e demais símbolos de moralidade.

Por outro lado, as definições de Houaiss (2009) e de Aulete (2011) registram *mulher que pratica o meretrício* e, também, *aquela que faz sexo por dinheiro*, respectivamente. Percebemos nessas entradas a representação de prostituição como uma ideia de atividade social e/ou profissional; a prestação de um serviço remunerado. Assim, podemos visualizar que na sociedade contemporânea a prostituição sai da esfera de pura marginalização e começa a ganhar espaço no rol de ocupações profissionais “moralmente” aceitas.

Ainda na análise dessa lexia, é válido citarmos que a dicionarização dessa palavra é correspondente ao sentido empregado pelos informantes que forneceram os dados para essa pesquisa. E aprofundando ainda mais o nosso olhar, é interessante pontuar que das sete ocorrências de *meretriz*, seis aconteceram entre informantes da faixa etária 2 (50 a 65 anos) e apenas uma na faixa etária 1 (18 a 35 anos). Esses dados nos levam a compreender que essa lexia está, aos poucos, caindo em desuso no léxico maranhense, embora seja a quinta lexia com maior número de ocorrências; isso porque a maioria delas ao ser utilizada pela faixa etária 2 nos mostra sua produtividade ligada a um público de uma geração anterior, que se contrapõe aos dados utilizados pelos geração mais nova, em que observamos a criação lexical (neologismos), como o caso da denominação *piriguete*, como veremos ainda neste texto.

Assim, podemos visualizar de maneira efetiva que os dicionários registram definições cristalizadas no imaginário social e que estas, por sua vez, não são estanques. Apresentam

em suas acepções a forma de enxergar determinada realidade de uma determinada época. Por isso, faz-se necessário atualizações constantes, não só em relação ao sentido de palavras já existentes, mas na inserção de novas palavras empregadas pela necessidade que o falante tem de nomear as coisas, seres e objetos de seu tempo. Isso comprova a vivacidade e dinamismo da língua portuguesa.

No que concerne às definições atribuídas à *mundana*, percebemos que a associação do termo à prostituta vem de um contexto de moralidade e, por que não, religiosidade. A definição de Aulete (2011) para *mundana* está relacionada a algo “referente ao mundo, material e socialmente considerado; voltado para os prazeres sensoriais”, definição semelhante à de Houaiss (2009): “relativo a ou próprio do mundo; cuja satisfação concerne aos prazeres deste mundo”. Por sua vez, Figueiredo (1947) definiu como *mundana* a “mulher dissoluta”, ou seja, aquela que é contrária aos bons costumes. Com base nessas acepções, somos levados a entender que a prostituta recebe a alcunha de *mundana*, pois ela habita num universo relacionado a prazeres do mundo, da carne, da luxúria; apresenta um comportamento dentro da sociedade de total oposição ao que é esperado da mulher no universo religioso judaico-cristão. Dessa forma, observamos que embora o dicionário registre concepções relacionadas à visão de sua época de elaboração, mesmo com o avançar dos anos, ainda permanece na sociedade um pensamento ideológico a respeito do comportamento da mulher.

É fato relevante observarmos que a dicionarização de *mundana* não é correspondente à ideia de *mulher que se vende para qualquer homem*, nos levando a compreender que a associação dos falantes entre os dois universos expressos nas lexias *mundana* e *prostituta* parte de princípios ligados a valores sociais baseados no sexismo. Fato este que corrobora ainda mais a ideia de que o léxico maranhense é permeado por uma ideologia moral e religiosa, responsável por criar os constrangimentos linguísticos sofridos pela mulher em nossa sociedade (Lakoff, 2010).

A terceira lexia que escolhemos analisar neste artigo, *piriguete*, é uma gíria brasileira que designa uma mulher que não tem um parceiro sexual fixo, tem comportamento provocante, expresso por meio de roupas curtas e sensuais. É também dito da mulher interesseira, que busca parceiros capazes de lhe proporcionar benesses, principalmente às relacionadas à vida noturna. A lexia se popularizou no Brasil nos anos 2000, chegando até mesmo a ser título de uma canção do funkeiro Mc Papo, que define a *piriguete* em seus versos:

Ela não paga, ganha cortesia
Foge se a sua carteira tiver vazia
[...] ela gosta é de cara comprometido
Não tem carro, anda de carona

Ela anda sexy toda guapetona
Ela não é amante, não é prostituta, ela é fiel, ela é substituta.
(Composição: Mc Papo)

Assim, não é de se espantar que *piriguete* figure entre as ocorrências para definir prostituta no léxico maranhense. O que podemos inferir desses dados é como a sexualidade da mulher ainda representa um incômodo e constrangimento no imaginário social.

Dessa forma, ao analisarmos a dicionarização dos termos para definir *a mulher que se vende para qualquer homem*, compreendemos que o uso de denominações majoritariamente pejorativas são um forte indício da existência de uma rejeição em torno do comportamento sexual de uma mulher que não se adequa ao esperado pela sociedade, isso se dá pois

[...] o dicionário é, portanto, mais do que uma forma de nomear e classificar as coisas do mundo: é um apoio para a construção de nossa rede de conhecimentos linguísticos. Assim, os sujeitos não apenas "dizem" o mundo, mas também o "instauram" por meio do discurso. Como diferentes usos linguísticos marcam diferentes relações sociais, o dicionário também apresenta possibilidades discursivas que se inserem nas brechas significativas dessa indeterminação da linguagem — apesar da estabilidade que historicamente traz para a língua (Coroa, 2011, p. 63).

Outro dado que nos saltou aos olhos e consideramos pertinente para esta análise é o fato de que os informantes masculinos apresentaram um repertório maior de lexias para definir a prostituta, em que todas carregam significados majoritariamente pejorativos. Tal fato nos leva a crer que a diferença quantitativa de ocorrências entre informantes do sexo masculino e feminino, apesar de não ser tão significativa, mostra que há um reforço de masculinidade por meio da familiaridade e uma demonstração de feminilidade por meio do distanciamento do assunto.

Como dito anteriormente, as mulheres são vítimas de uma série de discriminações linguísticas não somente pela forma como são tratadas pelo uso geral da linguagem, como pela forma que são ensinadas a usar a linguagem (Lakoff, 2010), pois o uso da língua pelos falantes é regido por uma série de constrangimentos ligados à ética, moral, religiosidade, contextos comunicativos etc. Dessa forma, espera-se que as mulheres, cujo comportamento social se adequa ao esperado dentro de uma certa moral, desconheçam ou, caso conheçam, não utilizem certos termos ligados à sexualidade/imoralidade, demonstrando uma não inserção nesse universo.

Por outro lado, aos homens é esperado que tenham conhecimento e demonstrem, por meio do uso de termos relacionados ao universo da sexualidade. Para além de reforçar essa ideia de virilidade e de masculinidade associada à atividade sexual do homem, a aproximação do homem a esse universo é também uma forma de reforçar sua posição de superioridade.

Por esse motivo, “permitir aos homens meios de expressão mais fortes do que estão disponíveis às mulheres reforça ainda mais a posição de poder dos homens no mundo real” (Lakoff, 2010, p. 21).

Temos, então, que quando interpretamos as lexias e o seu uso, podemos entender que a língua e a sociedade estão conectadas em uma relação intrínseca. A análise do português falado no Maranhão nos permite entender a ideologia que permeia o imaginário social dessa comunidade. Por ideologia entendemos uma “interpretação de sentidos em certa direção, determinada pela relação da linguagem com a história, em seus mecanismos imaginários” (Orlandi, 1994, p. 57). Assim, podemos entender a ideologia predominante no léxico maranhense como ainda arraigada em concepções machistas que colocam o homem em uma posição de poder e de superioridade frente a mulher.

Considerações finais

Este trabalho objetivou analisar as denominações atribuídas à prostituta e como essas denominações refletem o imaginário social acerca da mulher na sociedade.

Ao analisarmos os dados do ALiMA, percebemos que os informantes masculinos apresentaram um maior repertório de variantes para designar *a mulher que se vende para qualquer homem*. Essa ocorrência despertou-nos a possibilidade de que essas atribuições estão relacionadas a um caráter dominante na sociedade no que tange os comportamentos sociais esperados das mulheres. O número maior de variantes entre informantes masculinos é um forte indício de reforço da ideia de virilidade que circunda a construção da identidade masculina. Quanto maior a familiaridade ao assunto, mais o sujeito demonstra a sua masculinidade frente às várias identidades que o correlacionam ele próprio ao mundo.

Com base nos dados obtidos, observamos, ainda, o grande número de variantes, mostrando além do polimorfismo lexical, a forma como esses falantes enxergam essa entidade no universo. Além disso, a pesquisa do registro dessas variantes em dicionários gerais de língua portuguesa foi de suma importância, pois com base nas definições apresentadas pudemos compreender melhor essa realidade, considerando que muitas das definições registradas nos dicionários apresentam visões consoantes às imagens negativas atribuídas à prostituta que, em sua grande maioria, são pejorativas e ligadas ao comportamento da mulher.

Assim, podemos inferir, por meio dos dados, que há na sociedade maranhense o predomínio de uma ideologia que entende a sexualidade das mulheres como algo reprovável em situações extramaritais. No mais, essas denominações são também reflexos de uma sociedade em que o homem ocupa uma posição de poder superior à da mulher, de onde dita comportamentos sociais tidos como aceitáveis ou reprováveis.

Referências

- ALVES, J. E. D. **A Linguagem e as representações da masculinidade**. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Ciências Estatísticas, 2004.
- AULETE, C. **Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.
- BIDERMAN, M. T. **Teoria Linguística: Linguística Quantitativa e Computacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CARDOSO, S. A. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- CASTORIADIS, C. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.
- COROA, M. L. Para que serve um dicionário? In: CARVALHO, O. L. S.; BAGNO, M. (org.). **Dicionários Escolares: políticas, formas & usos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 61-72.
- FIGUEIREDO, C. **Dicionário da Língua Portuguesa de Cândido de Figueiredo**. Lisboa: Livraria Bertrand, 1947.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- KRIEGER, M. G. O dicionário de língua como potencial instrumento didático. In: ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. (org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**. Vol. III. Campo Grande: EDUFMS, 2007. p. 295-309.
- LAKOFF, R. Linguagem e lugar da mulher. In: FONTANA, B.; OSTERMAN, A. C. (org.). **Linguagem, gênero, sexualidade: clássicos traduzidos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 109-127.
- LOPE BLANCH, J. M. Polimorfismo dialectal en el atlas lingüístico de México (ALMex). **Estudios de Lingüística Aplicada**, n. 15/16, p. 29-34, 1992.
- MORAES, A. F. Gabriela Leite e mudanças nas práticas discursivas sobre prostituição no Brasil. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 70, p. 254–279, 2020.
- OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. Apresentação. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**. Campo Grande: EDUFMS, 2001. p. 9-11.
- ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 11. ed. Campinas: Pontes Editores, 2013.
- ORLANDI, E. P. Discurso, imaginário social e conhecimento. **Em Aberto**, Brasília, ano 14, n. 61, p. 53-59, 1994.
- PRADA, M. **Putafeminista**. São Paulo: Veneta, 2018.

RAZKY, A. A Dimensão Sociodialetal do Léxico no Projeto Atlas Linguístico do Brasil.

Signum: Estudos da Linguagem, Londrina, n. 16/2, p. 247-270, 2013. DOI:

<https://doi.org/10.5433/2237-4876.2013v16n2p247>.

SERRA, L. H.; SILVEIRA, T. S. A profissional do sexo no léxico do português falado na amazônia legal: discutindo imagens femininas na sociedade. **EntreLetras**, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 8–29, 2024. Disponível em:

<https://periodicos.ufnt.edu.br/index.php/entreletras/article/view/18139>. Acesso em: 18 jul. 2024.

SILVA, M. S. A prostituição feminina: um percurso e algumas reflexões. **Revista Terceiro Milênio**, Campos dos Goytacazes, v. 01, n. 01, p. 109 - 121, 2014. Disponível em:

<https://revistaterceiromilenio.uenf.br/index.php/rtm/article/view/74>. Acesso em: 15 jul. 2024.

SANTOS, F. G. V.; SOARES, S. S. F. A Pomba-Gira no imaginário das prostitutas. **Revista Homem, Espaço e Tempo**, [S. l.], v. 1, n. 1, 2018. Disponível em:

<http://rhet.uvanet.br/index.php/rhet/article/view/22>. Acesso em: 13 jul. 2024.

ZAVAGLIA, C. Sexismo em dicionários brasileiros. In: MOREIRA, G. L.; COSTA, L. A. C.; ALVES, I. M. (org.). **Pesquisas em Lexicologia, Lexicografia e Terminologia**. Campinas: Pontes Editores, 2022. p. 127-150.

Sobre os autores

Gabriel de Matos Pereira

Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-7607-5599>

Graduando do curso de Letras – Inglês da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Graduado em Comunicação Social - Jornalismo pela mesma instituição. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa em Ciências do Léxico (Geplex).

Theciana Silva Silveira

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9672-2021>

Doutora em Linguística, com ênfase em Análise e Processamento Automático de Línguas Naturais (PLN), pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Mestra em Letras pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Graduada em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Língua Inglesa e suas Respectivas Literaturas pela UFMA. Professora Adjunta do Departamento de Letras da UFMA, Campus Dom Delgado. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Ciências do Léxico (Geplex) e pesquisadora do projeto Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA), da UFMA.

Recebido em março de 2024.

Aprovado em agosto de 2024.